



ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE BIBLIOTECÁRIOS

ENSAIOS APB

**O BIBLIÓFILO JOSÉ MINDLIN:
Impressões de um encontro**

Valeria Gauz

Ensaio APB, n. 54

APB - ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE BIBLIOTECÁRIOS - APB

**O BIBLIÓFILO JOSÉ MINDLIN:
Impressões de um encontro**

Valeria Gauz

Ensaio APB, n. 54

APB - ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE BIBLIOTECÁRIOS - APB

**O BIBLIÓFILO JOSÉ MINDLIN:
Impressões de um encontro**

Valeria Gauz

Ensaio APB, n. 54

**São Paulo
Maio
1998**

ENSAIOS APB

Coordenação editorial: Oswaldo Francisco de Almeida Júnior

- 1 - MELO, José Marques de. Comunicação de Massa x Leitura. 1994.
- 2 - MOSTAFA, Solange Puntel. Balcão de Informações: o mercado emergente. 1994.
- 3 - TAVARES, Maria Christina de Moraes. Atuação da Biblioteca Infanto-Juvenil. 1994.
- 4 - MURGIA, Eduardo. A Crise da Informação. 1994.
- 5 - OLIVEIRA, Silas Marques de. A Crise dos recursos Humanos em Bibliotecas. 1994.
- 6 - BARROS, Maria Helena T. C. de. A Atuação da Biblioteca Escolar: relato de uma crise. 1994.
- 7 - DIAS, Maria Cristina Santarém et al. Alternativas para Contornar a Crise da Leitura: uma experiência do ônibus-biblioteca na cidade de São Paulo. 1994.
- 8 - FERREIRA, Marta Nosé et al. Projeto "Soma". 1994.
- 9 - LARROUDE, Rita Luisa et al. Terceira Idade: relato de uma experiência, 1991-1992. 1994.
- 10 - SILVA, Helen de Castro et al. Um espaço para a Fantasia. 1994.
- 11 - TOMAZELLI, Angela M. et al. Criança de Periferia não Lê: desmistificação. 1994.
- 12 - RIVA, Eliane Barbosa et al. Terceira Idade: programa integrado. 1994.
- 13 - ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. O Espaço da Biblioteca: uma reflexão. 1994.
- 14 - VALENTIM, Marta Lígia Pomim. Leitura Técnica e seu Papel na Pesquisa & Desenvolvimento. Jan. 95.
- 15 - ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Biblioteca pública: ambigüidade, conformismo e ação guerrilheira do bibliotecário. Fev. 95.
- 16 - VALLS, Valéria. O espaço do bibliotecário no gerenciamento de documentos do Sistema da Qualidade. Mar. 95.
- 17 - CARDIN, Tânia Maria Sanvezzo. Lixo reciclável x incentivo à leitura: uma relação que deu certo no município de Ibiporã - PR. Abr. 95.
- 18 - LIMA, Justino Alves. Bibliotecas e bibliotecários: o perfil de um caso. Maio 95.
- 19 - MODESTO, Fernando. Apontamentos sobre a ergonomia na implantação e uso do computador na biblioteca. Jun. 95.
- 20 - CÔRTE, Adelaide Ramos e. Memória técnica. Jul. 95.
- 21 - FUJINO, Asa. A gestão da informação no processo de cooperação universidade-empresa: uma visão crítica. Ago. 95.
- 22 - FARIA, Ivete Pieruccini. Livro e leitura no Brasil: alguns aspectos acerca da entrada do impresso no país. Set. 95.
- 23 - SMIT, Johanna. Algumas questões sobre os documentos audiovisuais em bibliotecas. Out. 95.
- 24 - SILVA, Antonio Manoel dos Santos, ALMEIDA, Glaura Maria Oliveira Barbosa de, BELLUZZO, Regina Célia Baptista. O Plano de Gestão da Qualidade e sua implantação na rede de bibliotecas da UNESP: relato de uma experiência. Nov. 95.
- 25 - VERGUEIRO, Waldomiro C. S. Gestão da Qualidade e Bibliotecas Públicas: o difícil caminho para as instituições brasileiras. Dez. 95.
- 26 - LANE, Sandra S., VAL, Marta R. S. Ribeiro do. Preservação de acervos de bibliotecas: Parte I. Degradação dos materiais. Jan. 96.
- 27 - LANE, Sandra S., VAL, Marta R. S. Ribeiro do. Preservação de acervos de bibliotecas: Parte II. Um modelo de programa local. Fev. 96.
- 28 - SOUZA, Marta Alves de. Internet: a rede global. Mar. 96.
- 29 - MODESTO, Fernando. Combate ao vírus de computador na biblioteca. Abr. 96.
- 30 - BARTALO, Linete et al. A importância da leitura na formação do professor. Maio. 96.
- 31 - ARAÚJO, Eliany Alvarenga de. Sociedade de informação: espaço da palavra onde o silêncio mora? Jun. 96.
- 32 - GUIMARÃES, José Augusto Chaves. A Legislação profissional do bibliotecário. Jul. 96.
- 33 - MARTUCCI, Elisabeth Márcia. Abordagem qualitativa de pesquisa em biblioteconomia: uma introdução. Ago. 96.
- 34 - MARCHIORI, Patricia Zeni. Eram os deuses astronautas? ou São os bibliotecários, profissionais da informação? Set. 96.
- 35 - FERREIRA, Sueli Mara S. P., KROEFF, Márcia S. Referências bibliográficas de documentos eletrônicos: vol. 1. Out. 96.
- 36 - FERREIRA, Sueli Mara S. P., KROEFF, Márcia S. Referências bibliográficas de documentos eletrônicos: vol. 2. Nov. 96.
- 37 - ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Roubo, deprecação de materiais e campanhas educativas em bibliotecas: proposta de um modelo de avaliação. Dez. 96.
- 38 - SOUZA, Francisco das Chagas de. O bibliotecário brasileiro e seu humanismo. Jan. 97.
- 39 - LIMA, Justino Alves. Mobilização para uma política de conservação e manutenção de acervos contra o agente biológico humano. Fev. 97.
- 40 - SMIT, Johanna W., MACAMBYRA, Marina M. Tratamento de multimídia. Mar. 97.
- 41 - SANTOS, Jussara Pereira. O ensino de biblioteconomia no Mercosul: propostas de integração e harmonização curricular. Abr. 97.
- 42 - FUJITA, Mariângela Spotti Lopes. Elaboração de tesouros monolíngues com o programa TECER: considerações sobre o uso. Maio 97.
- 43 - BARRETO, Angela Maria. Conversas com quem gosta de informar. Jun. 97.
- 44 - LIMA, Justino Alves. As entidades da biblioteconomia: uma tentativa de globalização e uma iniciativa de intervenção política. Jul. 97.
- 45 - TÁLAMO, Maria de Fátima G. M. Linguagem documentária. Ago. 97.
- 46 - MODESTO, Fernando. O bibliotecário e o mercado de trabalho: alguns comentários. Set. 97.
- 47 - RECINE, Análucia Viviani dos Santos. Análise de partituras. Out. 97.
- 48 - TOMAËL, Maria Inês. Informação e globalização: reflexos de uma nova era. Nov. 97.
- 49 - FIGUEIREDO, Nice. Repensando a biblioteca pública brasileira: considerações em torno de resultados de pesquisa. Dez. 97.
- 50 - FIGUEIREDO, Nice. Repensando a biblioteca universitária brasileira: como prosseguir - notas para um projeto de pesquisa. Jan. 98.
- 51 - FERREIRA, Margarida M. Estudo do formato para registro bibliográfico Marc: volume 1. Fev. 98.
- 52 - FERREIRA, Margarida M. Estudo do formato para registro bibliográfico Marc: volume 2. Mar. 98.
- 53 - RUSSO, Mariza. Bibliotecas universitárias brasileiras: diretrizes para o próximo milênio. Abr. 98.
- 54 - GAUZ, Valeria. O bibliófilo José Mindlin: impressões de um encontro. Maio. 98.

O BIBLIÓFILO JOSÉ MINDLIN:

Impressões de um encontro

Valeria Gauz ⁽¹⁾

A casa do Brooklin era uma referência em São Paulo, e motivo de ótimas lembranças. Observo que ela pouco mudou desde a última visita: o muro alto revestido de hera e o trecho da rua tranqüila são muito familiares.

Toco a campainha e uma voz amiga me faz entrar no fascinante mundo de prazeres que satisfazem todos os meus sentidos no espaço de poucas horas.

Ao entrar, meus olhos imediatamente se dirigem ao que, um dia, há anos, me levara àquela casa pela primeira vez: livros. Não os comuns, mortais, facilmente encontrados em qualquer livraria, mas livros raros, passíveis de serem encontrados em poucos lugares no mundo; preciosidades que nos seduzem pela forma ou pelo conteúdo. Às vezes por ambos.

É impossível a um ser humano dotado de alguma emoção não ser contagiado pela atmosfera que reina naquela casa cercada de biblioteca por todos os lados. A história do mundo dos últimos cinco séculos está ali representada em livros muitas vezes escritos no momento em que ela acontecia.

Não consigo sentar e simplesmente aguardar a chegada de um dos mais importantes colecionadores de livros raros do mundo: pego e folheio dois pequenos volumes (deixados

¹ Diretora da Hollos Assessoria e Consultoria Ltda. Experiência com livros raros na Biblioteca Nacional. Fundadora e Coordenadora do GEORJ – Grupo de Estudos em Obras Raras do Rio de Janeiro em 1989. Ministrou cursos e palestras sobre obras raras em várias Instituições brasileiras. E-mail: gauz@openlink.com.br

propositadamente sobre a lareira, como provocação?) impecavelmente encadernados em couro, com ornamentos dourados, em perfeito estado de conservação.

Apesar de entretida com essas e outras raridades, ouço a porta que leva ao jardim se abrir. Sorrio, encaminho-me até José Mindlin e nos cumprimentamos com um forte abraço.

E logo ele me passa os dois pequenos volumes (estava cera, era provocação) de Machado de Assis, um de seus autores favoritos e mais representados em sua coleção.

— Que belas novas aquisições... – comento.

— Você viu a dedicatória?

— Sim – respondo, encantada – São ambas primeiras edições com dedicatórias do próprio Machado de Assis a José Veríssimo.

_____ αΩ _____

Conheci José Mindlin em 1986, quando eu era bibliotecária da Seção de Obras Raras da Biblioteca Nacional, e ele presidente da SABIN (Sociedade de Amigos da Biblioteca Nacional). Já havia irremediavelmente me apaixonado por essa especialidade devido ao manuseio constante de livros dos séculos XVI e XVII, belas encadernações, a mais rica e variada tipografia e outras curiosidades constituintes da dose diária que, por quase 10 anos, me manteria no saudável vício.

Agora, ao visitar os Mindlin, recordo-me que eram os encontros de São Paulo que reavivavam a minha paixão. Não chegava a ser uma traição, exatamente, mas era quase. Ali, vivia o sentimento de prazer em sua plenitude, a cada encontro com Machado de Assis, Petrarca, Debret e tantos outros. Isso, sem a necessária obrigação profissional, era ideal. E Mindlin sempre vinha com uma novidade.

Sua biblioteca já era famosa no país e no exterior, com cerca de 35 mil volumes de História, Literatura, Viagens e Viajantes, livros de Arte e a Brasileira (livros publicados no e sobre o Brasil) particular mais expressiva que se conhece. Tem praticamente todos os livros importantes do século XVI sobre o Brasil, além de muitos outros dos séculos XV, XVII, XVIII, XIX e XX. Tem tudo de Carlos Drummond de Andrade, Manoel Bandeira, Cecília Meirelles e João Cabral de Mello Neto, incluindo os raríssimos livros por este último impressos em Barcelona nos anos 40 e 50. Originais do Padre Antônio Vieira e de D. João VI são apenas mais algumas pérolas a serem citadas.

_____ αΩ _____

Bem... enquanto revemos outras preciosidades, penso na história desse homem que comprou seu primeiro livro raro aos 13 anos. Ele, com certeza, contraiu do pai o vírus de colecionador (no caso relacionado aos livros, mais que aos quadros). Mindlin sempre esteve exposto a um ambiente cultural rico que gerou dividendos, mesmo não tendo sido o início de sua vida dos mais estáveis.

O pequeno negociante nato (desde que o comércio não envolvesse a venda, mas apenas a compra de livros raros), cedo desenvolveu um método próprio para conseguir o objeto do desejo sem ter de pedir dinheiro ao pai: descobriu, visitando sebos em São Paulo, sua cidade natal, que não havia comunicação entre os comerciantes de livros antigos, ou seja, um não sabia o que o outro vendia, ou quanto cobrava por um determinado livro. “Foi o mapa da mina para mim: comprava o livro por um preço, e o levava a outro livreiro que tinha o mesmo livro, só que mais caro. Dizia: não quero dinheiro por este livro, só que o venda para mim. Se conseguir vendê-lo, tire sua comissão e me dê um crédito pelo resto do valor, que eu gastarei em livros.” Assim, acumulou crédito em vários sebos, e começou a formar sua biblioteca.

_____ αΩ _____

“Os critérios que determinam a raridade de um livro variam?” – perguntei, certa vez.

Mindlin ensina que, apesar de algumas variações, pode-se dizer que há um consenso até mesmo internacional no estabelecimento de critérios de raridade. Leva-se em conta a originalidade, o número de exemplares existentes no mercado, se é uma edição especial (por exemplo: uma edição de luxo feita para bibliófilos), se possui uma encadernação ricamente ornamentada, ou se há carimbos, *ex-libris* (selos de propriedade) ou anotações de pessoas de renome. Existem, também, os incunábulo (palavra latina que significa berço, origem, sendo, portanto, os primeiros livros impressos com tipos móveis metálicos), sempre raros, assim como os livros dos séculos XVI e XVII, em geral. Livros dos séculos XVIII, XIX e XX também podem ser muito raros. Mas, como foi dito, os critérios variam de acordo com o colecionador ou com a biblioteca. Faz parte, também, dos critérios nunca desprezar as oportunidades, saber exatamente o que se procura, e ter os olhos bem abertos.

_____ αΩ _____

Meus pensamentos são interrompidos com a chegada de Guita, esposa e incentivadora há 59 anos, conservadora e restauradora de papel. Junto com Cristina Antunes, que há 15 anos trabalha na biblioteca, conversamos. Entre um aperitivo e outro pergunto:

— Como vão as negociações com o plano espiritual? (Mindlin vem negociando algumas décadas a mais de vida, para que possa ler todos os seus livros).

Ele ri, e diz:

— Ainda não tive resposta, mas estou esperançoso.

Prontamente, Cristina e eu oferecemos uma década cada uma, garantindo, assim, sua permanência por um tempo maior. Até a doação seguinte, naturalmente.

_____ αΩ _____

Nossas conversas são sempre agradáveis e recheadas de histórias que não me canso de ouvir, principalmente as que dizem respeito a algumas aquisições. A *Gramática de Língua Guarani* é um exemplo.

Estando um dia em Santiago do Chile a trabalho, fez o que sempre faz nas horas de lazer em todas as suas viagens: abriu a lista telefônica e localizou uma livraria de obras antigas. Foi. Apesar de fechada, percebeu que havia movimento e bateu no vidro.

— Estamos de vacaciones – disse um homem com ares pouco amigáveis.

— Yo también – respondeu Mindlin, certamente com aquela simpatia que desarma qualquer interlocutor que não o conheça.

Entrou. Ao perguntar se havia algo sobre o Brasil, teve resposta negativa. Mesmo assim, passou os olhos experientes por uma estante empoeirada. O sexto sentido que só alguns homens têm chamou sua atenção. Era a gramática. O exemplar tinha a assinatura do historiador e erudito Francisco Varnhagem. O coração bateu mais rápido: “Sente-se a emoção, mas não se deixa transparecer na frente do vendedor, ou o preço sobe.” O livreiro disse que era o resto da biblioteca de um historiador brasileiro, um certo Porto... Porto...

— Porto Seguro. Visconde de Porto Seguro – disse Mindlin.

Um homem com tantas leituras sabia que Varnhagem tinha sido casado com uma senhora chilena e que seus livros pessoais poderiam ter permanecido com a viúva. Décadas depois, eis o feliz José Mindlin levando para casa mais uma pilha de livros raros.

Perseguir livros, se necessário por 30 anos (como aconteceu com a primeira edição de *O Guarani* de José de Alencar), é tarefa das mais agradáveis para o colecionador. “É possível definir a emoção e a alegria quando encontramos um livro desejado?”

E, como sempre, peço para ouvir as histórias que tanto me fascinam.

— As histórias de garimpagem são muitas, e variadas. Nos anos 60, por exemplo, eu estava na Inglaterra e lá sempre ia à Livraria Max (uma das grandes livrarias do mundo, fundada em meados do século passado) por causa do seu bom estoque de livros raros. Eu estava lá na ocasião, e encontrei muitos itens do catálogo sobre o Brasil que eles tinham publicado em 1930. Em geral, grande parte dos livros é vendida de uma só vez, e o que resta sai muito lentamente. Assim, adquiri as Cartas de Dom Manuel ao Papa sobre as descobertas portuguesas (1513).

— Nem todos os freqüentadores desse tipo de livraria têm acesso livre aos livros. Como se faz para ver o que se quer?

— Bem, a Max era uma livraria em que, normalmente, os clientes não viam o estoque: eles pediam os livros e estes eram trazidos. Como tinha uma relação de camaradagem com os sócios, tinha acesso ao porão, onde estavam o cofre, o depósito e, naturalmente, uma deliciosa garimpagem.

Lembro-me de outra história na Max: uma vez, ao chegar à livraria às 9 h. da manhã, fui apresentado a um colecionador canadense cujo principal interesse era “Índios das Américas”. Um dos sócios da livraria nos perguntou onde queríamos ir, pois nos encontraríamos mais tarde para almoço. O canadense disse que queria ir ao sótão, e eu disse que queria ir ao porão. E adivinha o que encontrei lá? A relação do Padre Martin de Nantes, um dos livros franceses mais raros sobre o Brasil, um catecismo bilingüe escrito pelo capuchinho. Desse livro, neste século XX, apareceram apenas 4 ou 5 exemplares no mercado; e esse me custou em torno de US\$ 500. Quando o outro colecionador viu o livro (depois ele até ficou meu amigo) chegou a ficar pálido.

— Não é este livro que cita uma outra Relação, de Bernard de Nantes, seu sucessor?

— Sim, mas o catecismo de Bernard de Nantes, de 1706, é raro, embora não tanto. Ao passo que a Relação de Martin de Nantes é muito rara. Então, se eu tivesse dito que queria ir ao sótão, teria sido o canadense a encontrar o livro. E eu procurava esse livro há pelo menos 30 anos. Você vê como os acasos acontecem...

— Para quem acredita em acasos... Aliás, você costuma dizer que sua vida é feita de acasos muito felizes.

— É, não posso me queixar – diz, sorrindo.

Engana-se quem pensa que olfato e paladar são sentidos não exercitados na casa dos Mindlin. Com a chegada de um casal amigo, vamos conferir o delicioso acervo perecível de Catarina.

E, de sobremesa, poesia. Mindlin sabe e gosta de recitar e ler poemas. Sou, então, apresentada a um manuscrito do poeta parnasiano Vicente de Carvalho endereçado ao chefe de redação de O Estado de São Paulo, solicitando a publicação do poema “O Pequeno Morto”, como homenagem ao filho que acabara de morrer. E assim a tarde transcorre, entre conversas, livros e lembranças.

Uma Vida Rara

É difícil saber o que mais encanta nos 84 anos de José Mindlin: o conhecimento e a relação amorosa e desprendida com os livros, o requintado senso de humor, a alegria em tudo o que faz (expressa em seu ex-libris, cujo lema é “Je ne fayt rien sans Gayeté”), ou o “incorrigível otimismo”, segundo ele próprio.

Foi redator de O Estado de São Paulo aos 15 anos, aos 18 entrou para a Faculdade de Direito e aos 32 fundou a Livraria Parthenon. Com relação a esta atividade, sei que Mindlin

fez o que gostava muito: comprou muitos livros raros na Europa. Mas havia um porém: “era uma alegria ver os livros chegarem, e uma tristeza quando eram vendidos”.

Quando o negócio acabou, o “eficiente livreiro” foi em busca dos livros raros preferidos, batendo à porta de seus antigos clientes, comprando-os novamente.

Em 1974 foi convidado a ocupar a Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia do governo estadual de Paulo Egydio Martins. Aceitou ocupar o cargo político – o único – depois de muita relutância e insistência da família e de amigos. Ninguém era mais adequado a uma secretaria que unia cultura, ciência e tecnologia: nessa época, Mindlin já era empresário bem sucedido à frente da Metal Leve.

Foi uma triste experiência. Vladimir Herzog, chefe do Departamento de Jornalismo da TV Cultura (vinculada à Secretaria) foi torturado e morto pelo Doi-Codi, e o caso Herzog entrou para a história como um trágico capítulo. “Escolhi-o pelo currículo que era, de longe, o melhor. Herzog não me disse que era judeu, nem que era amigo de Antônio Cândido – duas aproximações que supostamente poderiam facilitar as coisas.”

No dia em que o jornalista morreu, Mindlin estava nos Estados Unidos. Voltou imediatamente. Para um homem de posições claras e contrárias a qualquer tipo de autoritarismo, não havia mais nada a fazer. O imediato pedido de demissão em caráter irrevogável foi inevitável. “É melhor cuidar de agricultura do que de cultura, e plantar batatas em vez de semear idéias.”

O bibliófilo (e uma das pessoas mais bem conceituadas do país) foi um empresário de prestígio como Diretor-Presidente da Metal Leve por mais de 40 anos. Como vender pistões não doía, o negócio prosperou. A vitoriosa trajetória da Metal Leve passou pela América do Sul, indo atingir os Estados Unidos, onde Mindlin negociou pessoalmente com a FAA (Federal Aviation Agency) a inspeção de suas peças feitas no Brasil. Às vezes, ele costumava dizer que, da parte técnica, mantinha uma comovedora ignorância. Será?

Nem da técnica, nem da humana. Lembro-me particularmente de uma conversa que tivemos há alguns anos, em que ele me contava sobre um prêmio que a direção da Metal Leve queria dar aos empregados mais antigos, como forma de reconhecimento à dedicação e aos anos de serviços prestados. Surpresos, constataram um número tão grande de pessoas que houve necessidade de reformulação da idéia original.

Não admira que a venda da empresa há dois anos tenha sido um processo doloroso. “Vender a Metal Leve me deu um nó na garganta, mas eu tinha de ser racional. Não dava mais para competir”, disse Mindlin em recente entrevista. “Se ela continuasse conosco, morreria, e isso nós não queríamos.”

αΩ

Bem... dois anos após sua saída da Metal Leve, Mindlin continua o mesmo homem ocupado, mas sempre disponível e atencioso. Preparando-se para comemorar 60 anos de casamento com Guita neste 1998, ele encerra 97 com um presente para todos: um livro que conta a sua história através das histórias de seus livros. As preciosidades de sua biblioteca e um rico exemplo de vida pessoal estão agora disponíveis para muitos que, como eu, se deliciarão com histórias fascinantes.

Ao me despedir, inebriada ainda, deparo-me com a questão: qual o segredo do sucesso e da felicidade? Sorte? Determinação? Desapego? Intuição? Ou tudo isso junto?

Mindlin sabe a resposta.